



REVES - Revista Relações Sociais (eISSN 2595-4490)

Religião e Pandemia: o uso da hidroxycloquina e o fechamento dos templos na perspectiva da Folha Universal

Religion and the Pandemic: the use of hydroxychloroquine and the closure of religious temples from the perspective of Folha Universal

Deivit Henrique da Silva Leite

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1440-8661>

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

E-mail: deivit.leite@ufv.br

Fabrcio Roberto Costa Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5522-6192>

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

E-mail: fabriciooliveira@ufv.br

Isadora Almendagna

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2469-7313>

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

E-mail: isadora.almendagna@ufv.br

Article Info:

Article history: Received 2023-04-06

Accepted 2023-05-26

Available online 2023-06-01

doi: 10.18540/revesv16iss2pp15680-01e



Resumo. Este artigo apresenta uma análise da maneira com que o jornal “Folha Universal” noticiou a pandemia de Covid-19 durante os anos de 2020, 2021 e 2022, sobretudo em relação à utilização da hidroxycloquina como tratamento para a doença e ao fechamento dos templos. O jornal pertence à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), importante instituição religiosa e de relevante atuação política. Nosso foco de pesquisa foram os editoriais e as matérias relacionadas à pandemia, publicados nas edições do período do início de 2020 (ano que a pandemia teve início no Brasil) a abril de 2022 (mês em que o Ministério da Saúde declarou o fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19). Fizemos a leitura de todo o conteúdo publicado semanalmente, categorizamos por temáticas e realizamos a análise. Identificamos apoio iurdiano aos posicionamentos de Bolsonaro na defesa do uso da hidroxycloquina. Na perspectiva da Folha Universal, a politização do medicamento só ocorreu por ele ter sido divulgado por Jair Bolsonaro. Paralelamente, encontramos críticas ao isolamento social e defesa do modelo de isolamento vertical, com ênfase em argumentos econômicos, mantendo sinergia com o governo Bolsonaro. A recomendação de fechamento dos templos foi taxada como prática de comunista e utilizaram o argumento de que “fechar um templo seria como fechar um hospital”. Nosso artigo revela que a Folha Universal apresentou consistente

defesa dos argumentos do presidente Jair Bolsonaro e às políticas públicas de seu governo, durante o período da pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Folha Universal. Igreja Universal. Covid-19.

Abstract. This article presents an analysis of the way the newspaper “Folha Universal” reported the Covid-19 pandemic during the years of 2020, 2021 and 2022, specially about the use of hydroxychloroquine as a treatment for the disease and the closure of religious temples. The newspaper belongs to the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG), an important religious institution with relevant political engagement. Our research focus was the editorials and articles related to the pandemic, published in editions from the beginning of 2020 (the year the pandemic started in Brazil) to April of 2022 (the month in which the Ministry of Health declared the end of the Emergency in Public Health of National Importance by Covid-19). We read all the content published weekly, categorized it by theme and executed the analysis. We identified the “iurdiano” support for Bolsonaro's placements in defense of the use of hydroxychloroquine. From the perspective of “Folha Universal”, the political use of the drug only occurred because it was advertised by Jair Bolsonaro. At the same time, they criticized the lockdown in order to defend the model of vertical isolation, with an emphasis on economic arguments, maintaining synergy with Bolsonaro's government position. The recommendation to close the temples was labeled as a communist practice and they used the argument that “closing a temple would be like closing a hospital”. Our article reveals that “Folha Universal” consistently defended President Jair Bolsonaro's arguments and his government's public policies during the period of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Folha Universal. Universal Church. Covid-19.

1. Introdução

Este artigo apresenta uma análise dos conteúdos do Jornal Folha Universal, nos anos de 2020, 2021 e 2022, em relação à pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Nosso foco foi analisar a maneira com que o jornal se manifestou em relação ao uso da hidroxicloroquina, como tratamento para a doença, e ao fechamento dos templos.

A Folha Universal pertence à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), uma importante instituição do campo religioso brasileiro, capilarizada em todo o território, que igualmente se destaca pelo engajamento político. É o jornal impresso com maior circulação no Brasil, atingindo os membros da igreja, mas não apenas eles. A própria instituição ressalta a importância do veículo para a evangelização e atração de novos fiéis para a Igreja Universal¹.

Trata-se de um órgão oficial em que a mesma propala suas visões de mundo e concepções políticas de forma mais enfática. A razão disso está na ausência de publicidades externas, ou seja, o noticiário é totalmente financiado pela igreja, o que garante autonomia e independência política em relação aos conteúdos (FRANCO, 2022).

Desde a década de 1980, houve um importante processo de midiáticação da religião atrelado à politização dos setores pentecostais do cristianismo. A atuação

¹ Disponível em: <<https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/24-a-missao-da-folha-universal>>. Acesso em: 13/02/2022.

religiosa no campo político foi intensificada se configurando ainda mais como elemento público em que agentes e instituições religiosas têm pesado nas decisões do Estado. Neste sentido, os evangélicos passaram a ser compreendidos como novos atores políticos (CARRANZA, 2020). Dentre as consequências dessa relação importa (e também informa) a potencialização da força política das denominações religiosas midiáticas que, elevando a visibilidade de suas convicções políticas, conquistam novos espaços como sujeitos políticos e constituem “fator importante para a compreensão das linhas de força presentes na democracia” (MARTINO, 2017, p. 62).

No caso da Igreja Universal, o investimento em meios de comunicação de massa ocorre desde a fundação em 1977. O bispo Edir Macedo, seu líder e fundador, alugava períodos de 15 minutos em emissoras de rádio para a transmissão de programas evangelísticos. Porém o espaço na mídia cresceu rapidamente, tendo feito a compra da TV Record em 1989 e chegando à década de 1990 com mais de 40 emissoras de rádio (MARIANO, 2014), fatos intrinsecamente ligados à expansão e ao sucesso iurdiano.

Carranza (2013: 542) caracteriza a mídia iurdiana “como uma imensa máquina narrativa da dor, das emoções, da espetacularização do sofrimento, dos medos ancestrais e das forças perseguidoras do mal”, fundada na ilusão de que é um instrumento neutro. Mas, são nos processos implícitos dos meios de comunicação que encontramos a capacidade “de acionar estoques culturais, ressignificar tradições, conectar-se com referências simbólicas, concatenar simbolicamente todas as mensagens espalhadas nos conteúdos transmitidos e reunificar crenças, valores e estilos de vida através da comunicação” (CARRANZA, 2013, p. 546).

Em uma pesquisa realizada sobre a atuação iurdiana nas eleições de 2018, foi demonstrado como a instituição mobilizou o jornal em favor da eleição de Jair Bolsonaro (OLIVEIRA; MARTINS, 2021). A parceria entre a IURD e o candidato tomou formas mais concretas quando Bolsonaro passou a conceder entrevistas exclusivas à Record TV² – emissora que pertence ao fundador da igreja, o Bispo Edir Macedo –, visto que, naquele momento, o então candidato não participava de nenhum debate ou evento televisivo que propunha apresentar os candidatos à população. Ao analisar os dados trazidos pelas pesquisas eleitorais realizadas após as eleições de 2018, constatou-se que “os evangélicos deram 11 milhões de votos a mais para Bolsonaro do que para Haddad no segundo turno” (MARIANO; GERARDI, 2020).

Outro exemplo da atuação evangélica no campo político-institucional é o crescimento da participação destes agentes nas disputas eleitorais, que cresceu a cada eleição. Segundo levantamento feito pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, em 2018, a bancada evangélica alcançou 85 deputados, número superior às duas eleições anteriores, de 2010 e 2014, que elegeram, respectivamente, 73 e 75 deputados da bancada evangélica³.

Nota-se, porém, que este crescimento não se dá somente no campo da política institucional, uma vez que o número de evangélicos no Brasil têm aumentado exponencialmente nos últimos anos. Segundo dados do Censo⁴ de 2010, 65% dos brasileiros são católicos, 13% evangélicos pentecostais/neopentecostais, 4,9%

² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/entrevista-de-bolsonaro-na-record-sela-aproximacao-do-candidato-com-a-universal.shtml>>. Acesso em: 08/04/2022.

³ Levantamento feito pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) sobre os membros do Congresso eleitos a partir de 2018. Publicado na “Radiografia do Novo Congresso - Legislatura 2019-2023”. Disponível em: <<https://www.diap.org.br/index.php/publicacoes/category/13-radiografia-do-novo-congresso>>. Acesso em: 04/04/2023

⁴ Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf>. Acesso em: 05/08/2021.

evangélicos não determinados e 4,1% evangélicos de missão. Uma pesquisa realizada pelo Datafolha⁵ em 2020, afirma, por sua vez, que 50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos, 10% não tem religião, 3% espíritas, 2% são da umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras, 1% são ateus, 0,3% judaicos e 2% outras religiões. Tais dados demonstram o crescimento do número de evangélicos, o que potencializa a presença destes na esfera pública e política.

Fora das urnas, o apoio da Igreja Universal a Bolsonaro se fez na enfática mobilização estratégica de pautas que negavam legitimidade à esquerda, caracterizando-a como “destruidora de famílias”, “ameaça à democracia” e acusando-a de ter “Cuba como referência”, de “querer transformar o Brasil em uma Venezuela”, de “erotizar crianças em escolas”, dentre outras acusações proferidas diretamente por lideranças evangélicas e pelo candidato Jair Bolsonaro (BALIEIRO, 2018; MIGUEL, 2021). Concomitantemente, lideranças evangélicas enfatizavam a identidade cristã de Bolsonaro. Alimentados pelo ódio contra o PT, devido aos escândalos de corrupção, pela ineficiência governamental do partido e pela diminuição no ritmo de desenvolvimento econômico do país, cresceu a polarização política, fato que auxiliou diretamente na eleição de Bolsonaro (MARIANO; GERARDI, 2020).

Desde que foi eleito, um dos grandes desafios do Governo de Jair Bolsonaro foi lidar com a crise sanitária, não apenas pelas implicações primárias em saúde pública, mas por também impactar diretamente a sociedade em todas as esferas. A pandemia potencializou debates sobre saúde pública, economia, educação, segurança, dentre outros, e, por este motivo, mobilizou diversos agentes da sociedade civil a manifestarem a respeito dessas temáticas, dentre os quais grupos religiosos diversos se incluíam. Neste contexto, cresceu por parte da cúpula bolsonarista os questionamentos e a politização a respeito da necessidade de isolamento social, do uso da hidroxicloroquina e da vacinação contra a doença.

A pandemia global da COVID-19 tornou-se rapidamente um dos acontecimentos históricos mais marcantes dos últimos tempos, tendo vitimado mais de seis milhões de pessoas no mundo. O primeiro caso registrado no Brasil ocorreu em 26 de fevereiro de 2020 e, naquele ano, tornou-se uma pandemia que vitimou quase duzentos mil brasileiros.

Nossa pesquisa surgiu da necessidade de refletir como a Folha Universal noticiou os acontecimentos e as ações do Governo Federal na pandemia, visto que a instituição se mostrou entusiasta à candidatura de direita de Jair Bolsonaro no ano de 2018, período em que houve expressivo e inegável apoio evangélico ao candidato. Outra razão é alcance da publicação e o destaque a atuação política da IURD, torna-se fundamental compreender como atuaram os veículos midiáticos, durante a pandemia, nas interseções entre a religião e a política, visto a importância da imprensa religiosa na orientação dos fiéis (CONRADO, 2000; NOVAES, 2002; CARRANZA, 2013; GUERREIRO E ALMEIDA, 2020; GONÇALVES, 2021).

Além desta introdução, o artigo é composto por outras cinco seções. Na primeira, apresentamos a metodologia empregada à pesquisa. Na segunda, nos incumbimos de analisar as edições e conteúdos relacionados ao uso da hidroxicloroquina e ao isolamento social. Na terceira, uma análise acerca do fechamento de templos e ao discurso de perseguição e ameaça ao cristianismo e à IURD. Na quarta e última seção, apresentaremos nossas Considerações Finais.

⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 08/10/2021.

2. Metodologia de pesquisa

O principal material empírico desta pesquisa é o jornal Folha Universal, publicação semanal da Igreja Universal do Reino de Deus. Em 2022, o veículo completou 30 anos de sua primeira edição, datada de em 15 de março de 1992. A escolha do noticiário se justifica por ser um dos principais órgãos de posicionamento da IURD em relação aos eventos semanais, bem como por poder ser facilmente acessado por fiéis e pela população em geral, visto que além de ser distribuído gratuitamente nos templos da IURD, seu conteúdo fica disponível no portal da denominação na internet⁶.

O material é um importante instrumento de evangelização, se destacando por seu uso proselitista, e, ao divulgar ações e ideias da IURD, o periódico torna-se capaz de agregar mais fiéis à Igreja⁷. Ademais, é uma maneira da Igreja, capilarizada em todo o país, expressar suas concepções e se posicionar frente aos acontecimentos políticos.

O posicionamento, por vezes implícito, ocorre com maior frequência na terceira página do noticiário (logo após a mensagem semanal do Bispo Edir Macedo aos leitores), na seção "Opinião", está o texto editorial da publicação. Esses editoriais possuem grande importância em um jornal, visto que "são considerados espaços nobres e de destaque, nos quais são publicados textos que expressam a visão consolidada de um jornal"⁸. O advogado e seguidor da Igreja Universal, Denis Faria, que já foi empregado em governo do Republicanos, partido iurdiano, é o principal autor⁹.

Neste sentido, um fator que nos estimulou a escolher a Folha Universal é o grande alcance do periódico, que tem tiragens que chegam, em média, a um milhão e oitocentas mil cópias semanais¹⁰. Considerando dados do Censo de 2010¹¹, o número de fiéis da IURD é de 1.783.243. O fato nos leva a perceber que o alcance das publicações pode ir além dos membros da Igreja, o que demonstra o enorme potencial e força política do periódico. Além disso, pauta os discursos de pastores da Igreja em todo o país.

A partir destas características, foi possível analisar o jornal com foco nos assuntos relacionados à Covid-19. A pesquisa optou por analisar as 121 edições do Jornal Folha Universal publicadas majoritariamente entre 2020, 2021 e janeiro e abril de 2022¹². A escolha desta delimitação temporal justifica-se por ser possível, a partir dela, compreender como a Igreja Universal se posicionou em relação à pandemia,

⁶ Os conteúdos encontrados nos jornais são replicados e ficam disponíveis no site da denominação. Disponível em: <<https://www.universal.org/folha-universal/>>. Acesso em: 12/03/2023

⁷ A Igreja Universal destaca que uma das missões do jornal é evangelizar aqueles que estão em sofrimento, se diferenciando neste ponto da mídia secular, uma vez que seu conteúdo sobrevive através do compartilhamento das edições. Disponível em: <<https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/24-a-missao-da-folha-universal>>. Acesso em: 13/02/2022

⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/03/igreja-universal-usa-jornal-para-fazer-campanha-contra-lula-e-o-pt.shtml>>. Acesso em: 02/08/2022.

⁹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/03/igreja-universal-usa-jornal-para-fazer-campanha-contra-lula-e-o-pt.shtml>>. Acesso em: 02/08/2022.

¹⁰ Disponível em: <<https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/24-a-missao-da-folha-universal>>. Acesso em: 02/08/2022.

¹¹ Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9748&t=publicacoes>> Acesso em: 05/08/2021.

¹² A Edição 1446, publicada entre 29 de dezembro de 2019 a 04 de janeiro de 2020, foi a única entre as que foram analisadas publicadas em um período anterior ao de 2020. Esta especificidade diz respeito ao fato de compreender justamente a transição do ano de 2019 para 2020, fator levado em consideração para que a análise compreendesse as expectativas iurdianas para o novo ano.

desde seu início, até o momento em que o Ministério da Saúde declarou fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19¹³.

A análise encontrou dois momentos distintos. O primeiro diz respeito ao período em que não havia nenhum caso registrado no Brasil, ou seja, período pré-pandemia localizado entre janeiro e o início de março de 2020, que contém um total de 10 edições do noticiário. Apesar de este ser um período que não entraria no escopo de análise, isso contribuiu para percebermos relações entre o jornal e o Governo Federal. No segundo momento, contam as análises dos anos de 2020, 2021 e janeiro a abril de 2022, o qual teve objetivo de verificar rupturas e continuidades das temáticas e abordagens nas notícias ao longo dos anos.

Retiramos os jornais na plataforma gratuita Calaméo¹⁴, onde eles são disponibilizados simultaneamente à entrega nos templos. Os temas da hidroxicloroquina e fechamento foram escolhidos, principalmente, por sua relevância nas esferas política e religiosa, tendo em vista que encontraram apoio nos discursos do Governo Federal, como também das instituições e líderes religiosos. A análise deste material se deu de forma qualitativa, de modo que foram realizadas leituras e análises de seus conteúdos. Também utilizamos de abordagem quantitativa, visto que foram levantadas informações numéricas sobre os textos publicados pelo jornal.

As matérias que compõem a análise deste trabalho foram selecionadas após a exploração de todo o material recolhido e cumprem o papel de sintetizar o pensamento iurdiano em relação à pandemia. Os critérios de escolha foram baseados na importância de cada argumento, na frequência que apareceu no jornal, na relação destes com os setores políticos e na forma enfática como foram expressados.

Nas seções seguintes apresentamos uma análise dos materiais coletados a fim de analisar argumentos religiosos e políticos, ou imbricação entre estes, em relação aos temas propostos como foco do artigo, isto é, o uso da hidroxicloroquina e o fechamento de templos religiosos.

3. A Folha Universal, Bolsonaro, o isolamento social e o uso da hidroxicloroquina

Neste tópico vamos concentrar a análise nos conteúdos publicados pela Folha Universal relacionados à defesa do uso da hidroxicloroquina e à posição do periódico quanto ao isolamento social. Desde os primeiros meses de pandemia houve uma forte onda de negacionismo no Brasil, protagonizada especialmente pela direita bolsonarista, que insistiu, mesmo com o aumento do número de contaminações e mortes por Covid-19, em se apropriar de um negacionismo científico a fim de minimizar o cenário que se construía (CAMPOS, 2020; CAPONI, 2020; GUERREIRO, ALMEIDA, 2021).

O negacionismo pode ser entendido brevemente como o discurso supostamente racional, pautado na negação do conhecimento científico, em teorias e ideias sem embasamento, pseudocientíficas e, na maioria das vezes, conspiratórias (CAMPOS, 2020; CAPONI, 2020; GUERREIRO, ALMEIDA, 2021). Para mais, é importante compreender que este discurso não surge junto a pandemia, mas sim como “uma espécie de idioma com um sotaque muito característico da extrema-

¹³ Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/ministerio-da-saude-declara-fim-da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-covid-19>>. Acesso em: 25/05/2022.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.calameo.com/accounts/724797>>. Acesso em: 04/04/2023.

direita” (GUERREIRO; ALMEIDA, 2021, p. 53)¹⁵. Seja através da teoria da terra plana, o negacionismo climático ou os absurdos difundidos pelo astrólogo e autointitulado filósofo Olavo de Carvalho, o discurso negacionista ganhou força nas redes sociais e mídias de direita, tendo se tornado uma forte base para a ideologia bolsonarista.

Com a crise sanitária, o negacionismo ganhou contornos específicos. As principais características do discurso negacionista na pandemia são o embasamento em falsos especialistas, seleção de teorias e artigos que contrariam o consenso científico, a supressão de evidências e desprezo de fatos, as teorias da conspiração e lógicas falaciosas ou deturpadas (CAPONI, 2020; GUERREIRO, ALMEIDA, 2021).

As tentativas de minimizar a pandemia, por parte de Bolsonaro, ocorreram desde o princípio (RIBEIRO, 2021). Foram recorrentes as manifestações contrárias ao isolamento social, afirmando que este seria ineficaz, prejudicial à economia e que deveria ser substituído pelo isolamento vertical e a disseminação do vírus a fim de se criar uma imunização de rebanho. No dia 17 de março de 2020, por exemplo, Bolsonaro tratou, em entrevista de rádio, o coronavírus como histeria e criticou as medidas de isolamento, argumentando que este afetaria muito a economia do país¹⁶. Em 24 de março de 2020, Bolsonaro utilizou a televisão para pedir a volta à normalidade e o fim do isolamento social, chamando a doença de “gripezinha” e afirmando que a mídia estaria criando um pavor em relação ao avanço da doença¹⁷.

A indiferença quanto a situação enfrentada também foi enfática. Quando, em 28 de abril de 2020, o Brasil atingiu a marca de 5.000 mortes por Covid-19 – número de vítimas que naquele momento já havia superado a China, país de origem do vírus –, Jair Bolsonaro novamente tratou a doença com desdém, afirmando “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”¹⁸. Apenas oito dias antes, em 20 de abril de 2020, quando 2.575 já haviam sido vitimadas, afirmou que não era coveiro¹⁹. O então presidente ainda foi responsável por aglomerações²⁰, recusar e criticar o uso de máscaras²¹, atrasar a compra de vacinas²² e incentivar o uso de medicamentos que, naquele momento, não possuíam comprovação científica e posteriormente se comprovaram ineficazes²³, como caso da hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina.

Caponi (2021a: 35) demonstra que nestes momentos em que o Presidente da República desencoraja medidas de prevenção à doença, promove aglomerações, minimiza o contexto e se nega a comprar vacinas, “a biopolítica se transforma em uma necropolítica, cujo objetivo final é expor ao contágio e à morte essa parcela da população que não tem condições de proteger-se ou de aceder às vacinas”. Neste contexto, foi muito comum encontrar em diversos meios de comunicação e em parte

¹⁵ Guerreiro e Almeida (2021: 53) complementam que “o termo remete às tentativas de revisionismo histórico que, sob o manto da linguagem pseudo científica, negam o genocídio de judeus sob o regime nazista, minimizando os horrores dos campos de concentração e os efeitos das câmaras de gás”.

¹⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/17/bolsonaro-volta-a-falar-em-histeria-e-diz-que-acoes-de-governadores-sobre-isolamento-prejudicam-a-economia.ghtml>>. Acesso em: 09/01/2023.

¹⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/24/bolsonaro-pede-na-tv-volta-a-normalidade-e-fim-do-confinamento-em-massa.ghtml>>. Acesso em: 09/01/2023.

¹⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 09/01/2023.

¹⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 09/01/2023.

²⁰ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-participou-de-pelo-menos-84-aglomeracoes-desde-inicio-da-pandemia-de-covid-19-25048811>>. Acesso em: 09/01/2023.

²¹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml>>. Acesso em: 09/01/2023.

²² Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57104347>>. Acesso em: 09/01/2023.

²³ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>>. Acesso em: 09/01/2023.

relevante da comunidade científica, críticas a tais comportamentos de Bolsonaro, enfatizando a gravidade do cenário.

O negacionismo pandêmico, porém, não foi utilizado apenas por Bolsonaro e os membros do Governo Federal. Encontrou igualmente espaço nos setores pentecostais e neopentecostais, seja através da fala de pastores ou da mídia religiosa (BANDEIRA, CARRANZA, 2020; GONÇALVES, 2021; GUERREIRO, ALMEIDA, 2021), tornando-se, portanto, “a linguagem escolhida pela elite política-religiosa-empresarial para, em conjunto com o governo federal, gerenciar a pior crise sanitária do Brasil nos últimos 100 anos” (GUERREIRO; ALMEIDA, 2021, p. 54).

No caso do Jornal Folha Universal, a edição 1469, publicada entre 07 e 13 de junho de 2020, contém editorial intitulado “Cloroquina: se Bolsonaro é a favor, somos contra?” (Ed. 1469, p. 03), em que se dedica à defesa do Governo Federal e do uso da hidroxicloroquina como medicamento no tratamento de Covid. No periódico alega-se que “as mesmas autoridades, de administrações anteriores, consideravam a hidroxicloroquina eficiente, mas agora, como a atual presidência é otimista em relação ao remédio, oportunamente surgem os que discordam” (Ed. 1469, p. 03). De acordo com o texto haveria, então, uma hipocrisia política, que negaria a eficácia do remédio somente em razão do fato de Jair Bolsonaro ser favorável ao seu uso.

Este discurso enfatiza uma narrativa de perseguição política, incitando a existência de um conchavo contrário ao presidente. Segundo o jornal, esta seria uma estratégia dos opositores para enfraquecer o presidente e plantar ideologias na população – afirma, ainda, que é uma “tática bem famosa das administrações brasileiras anteriores que atiraram o Brasil no abismo da recessão para permanecerem no poder, corroendo as estruturas da educação, das forças militares, dos órgãos de segurança, da própria medicina [...]” (Ed. 1469, p. 03).

A argumentação deste editorial, a favor da hidroxicloroquina, é fundamentada em falas de Paolo Zanotto, virologista e professor da USP. Segundo o editorial, Zanotto afirma que “a ciência comprova a eficiência da hidroxicloroquina no tratamento do novo coronavírus” e “considera que o uso da hidroxicloroquina, substância barata e acessível, desafogaria a ocupação de leitos no sistema de saúde público e privado” (Ed. 1469, p. 03). Neste caso, a publicação recorre à legitimidade de um especialista na tentativa de embasar os argumentos do editorial, mesmo que este especialista estivesse contra o consenso científico daquele momento, demonstrando a seletividade na escolha de quem seria uma “autoridade” e poderia falar sobre o assunto.

Embora tenha existido um momento em que a eficácia da hidroxicloroquina no tratamento de Covid-19 não fosse conhecida, pesquisadores da Universidade Federal do Sergipe confirmaram que a utilização do medicamento, seja antes ou após a infecção, não traz nenhum benefício clínico ao paciente (MARTINS-FILHO, 2021). A descoberta baliza a recomendação prévia que havia sido feita pela Organização Mundial da Saúde²⁴.

É possível perceber que o assunto foi tratado a partir da esfera moral, como se o problema era Bolsonaro ter legitimado o medicamento. Assim, o ponto levantado como mais importante não foi a real eficácia do medicamento, mas sim a disputa de narrativa explicada por Chantal Mouffe (2015) nas relações antagonísticas. De acordo com Mouffe (2015), este antagonismo seria traduzido, segundo a posição pós-política, em uma disputa de inimigos absolutos, uma luta entre “nós” e “eles” pelo domínio

²⁴ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-cloroquina-nao-funciona-contr-a-covid-19-e-pode-causar-efeitos-adversos/>>. Acesso em: 09/01/2023.

moral. A relação entre a moral, religião e eleições foram importantes nas eleições latino-americanas (MARIANO; GERARDI, 2020).

Mouffe (2015: 75) define que nos casos em que as disputas políticas são determinados por termos morais e não políticos, as figuras que antes se enquadrariam como adversárias, tornam-se inimigas, de maneira que “a condenação moral substitui uma análise política adequada, e a resposta fica limitada à construção de um ‘cordão sanitário’ para pôr em quarentena os setores afetados” e “induz a considerar o ‘eles’ como ‘moral’, isto é, ‘inimigo absolutos’, favorecendo, assim, o surgimento dos antagonismos, que podem pôr em risco as instituições democráticas”. Nota-se, a partir da leitura dos jornais, que os antagonismos existentes entre a IURD e a esquerda se transferem para este campo moral de disputa, em que além da disputa de narrativas, encontra-se uma disputa que um grupo busca se sobressair ao outro.

O jornal, assim como o Governo, enfatiza os problemas econômicos da pandemia. No editorial da edição 1471, publicada entre 21 e 27 de junho de 2020, intitulado “Se a união faz a força, a ação faz mais ainda” (p. 03) a Folha Universal questiona a necessidade e a qualidade do isolamento imposto por alguns Governos, de modo que afirma que “não sabemos ao certo se foi bom que os governos decretassem a quarentena para evitar que o novo coronavírus se espalhasse ainda mais” (Ed. 1471, p. 03). O jornal foca em argumentos sobre a crise econômica causada pela pandemia, afirmando que “é certo que tal medida causou a diminuição e até paralisação da atividade produtiva no Brasil” e que a medida “tem custado empregos, suspensão ou redução de salários e muita apreensão por parte dos necessitados quanto ao próprio sustento e de suas famílias” (Ed. 1471, p. 03).

Ainda nesta edição, a notícia “Bispo Edir Macedo vence a covid-19 e recebe alta médica em São Paulo” (Ed. 1471, p. 10) anuncia a recuperação do bispo da Universal, que havia contraído Covid-19. De acordo com o bispo e a Folha Universal, a hidroxiquina foi uma das responsáveis pela cura de Macedo. O bispo afirmou “tomei todos os medicamentos indicados pelos médicos, entre eles a hidroxiquina, e estou bem” (Ed. 1471, p. 10). Esta matéria possui importante força simbólica, pois ela atribui à hidroxiquina o papel de cura ao principal nome da Igreja Universal. Se este medicamento foi responsável por salvar o bispo, e não a misericórdia divina, porque os fiéis duvidariam de sua eficácia?

O isolamento social foi destaque nas edições 1460, 1461, 1462, 1471, 1512, 1515, 1516, 1517, 1522, 1523 e 1558, em que o posicionamento do noticiário esteve alinhado ao discurso negacionista de Jair Bolsonaro e aos argumentos que taxavam a medida como geradora de uma forte crise econômica, colocando em segundo plano evidências de que esta medida seria capaz de prevenir muitas infecções e, conseqüentemente, mortes. É neste contexto e na relação entre saúde e economia que surge a defesa de um “isolamento vertical”, da “imunidade de rebanho” e o uso da hidroxiquina – uma espécie de medicamento milagroso, pois, como o próprio jornal apontou, trata-se “substância barata e acessível” (Ed. 1469, p. 03) –, com um apelo esperançoso ao medicamento, embora faltasse comprovação científica (CAPONI, 2021b).

A posição do jornal, porém, se mantém firme mesmo frente às descobertas quanto à ineficácia do medicamento. Na edição 1478, publicada entre 09 e 15 de agosto, questiona “Hidroxiquina: por que tamanha censura em torno de uma medicação?” (Ed. 1478, p. 03). O argumento persecutório se mantém, a partir da declaração de que “a impressão que fica é que, por ter sido o presidente Jair Bolsonaro quem sugeriu o uso da cloroquina no País, muitos, receosos do sucesso, defendem o contrário” (Ed. 1478, p. 03) e, ainda, a defesa de que “essas medicações não devem ser politizadas. Devem, sim, ser estudadas e consideradas por todos como

uma esperança de cura” (Ed. 1478, p. 03). A questão é que o medicamento não era recomendado, tendo em vista a sua ineficácia. Isso demonstra, portanto, que o jornal além de conspirar, afirmando haver uma perseguição contra Bolsonaro, contrariou o consenso científico focalizando em artigos e profissionais específicos que concordavam com a posição adotada.

Nesta mesma edição, porém, o jornal anuncia que, talvez, os grandes impactos da pandemia estivessem passando. Na reportagem intitulada “Covid-19: parece que o pior já passou” (Ed. 1478, p. 10), publicada entre 09 e 15 de agosto de 2020, o jornal noticia a diminuição de casos de coronavírus ao redor do mundo e defende sua tese afirmando que “1,9 milhão já foram curados e hospitais de campanha estão sendo fechados” (Ed. 1478, p. 03). Ao contrário do que afirmam, dados mostram que o pico de mortes por Covid-19 no país ocorreu em 6 de abril de 2021, com mais de 4.000 vítimas, enquanto o pico de contaminações ocorreu apenas em 3 de fevereiro de 2022²⁵.

O Panorama da edição 1505, publicada entre 14 e 20 de fevereiro de 2021, intitulado “Covid-19: o que justifica mais de 8 milhões de curados no Brasil?” relaciona o número de pacientes recuperados da contaminação por Covid-19 à utilização da hidroxicloroquina no tratamento, destacando, principalmente, o tratamento precoce. Segundo a notícia, o tratamento precoce, que se tornou uma das principais justificativas para a utilização da medicação, tanto “permite que o estado do paciente não piore como diminui as chances de contágio da população, pois é menos um portador do vírus a espalhá-lo no ambiente” (Ed. 1505, p. 10).

O importante, porém, é notar que o jornal não cita nenhum especialista e nenhuma fonte capaz de comprovar tal afirmação. Pelo contrário, o jornal afirma ainda, sem nenhuma forma de comprovar, que “com um número grande de pessoas curadas, não é difícil questionar a eficiência do tratamento realizado logo após os primeiros sintomas”. Ainda é possível perceber que o jornal atribui o feito da recuperação de todos os contaminados pelo medicamento sem sequer saber qual parcela destas pessoas utilizou tal tratamento contraindicado por muitos profissionais e sem eficácia alguma, como a pesquisa da Universidade Federal de Sergipe demonstrou (MARTINS-FILHO, 2021).

Por sua vez, o Panorama da edição 1515, lançado entre 25 de abril e 01 de maio de 2021, intitulado “‘Lockdown inverso’ contra Covid-19”, por sua vez, atribui ao medicamento o baixo número de casos em Chapecó (SC), cidade em que a utilização do medicamento obteve incentivo do prefeito, destacando falas como a afirmação de que “parte da imprensa e a oposição esquerdista tem ‘satanizado’ o tratamento precoce, em vez de focar em salvar vidas” (Ed. 1515, p. 10) e o fato de que o prefeito não recomendaria o fechamento de comércios e serviços.

Na edição 1558, publicada entre 20 a 26 de fevereiro de 2022, o jornal faz sua última citação ao isolamento social no período analisado, em editorial intitulado “O fracasso do lockdown” (p.03). Nele, a Folha Universal acusa e critica duramente a “China comunista” de inspirar outras nações a adotarem o isolamento – os ataques à China, ao comunismo e à esquerda (centralizada especificamente na figura do Partido dos Trabalhadores) são recorrentes em várias edições do periódico. Os argumentos apresentados são baseados em pesquisadores da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, que estimaram que “os lockdowns reduziram a taxa de mortalidade de pessoas em apenas 0,2%. Uma medida infundada e fracassada” (Ed. 1558, p. 03).

²⁵ Disponível em: <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>>. Acesso em: 01/03/2023.

Afirmam ainda, que no caso brasileiro, “o governo federal lutou bravamente para que não houvesse o confinamento das pessoas” (p. 03) e, por esta razão, “sofreu várias acusações e perseguições” (p. 03).

Enquanto na Edição 1505 o jornal apresentou argumentos sem fontes e dados capazes de comprová-los, na edição 1558 apresenta o resultado de uma pesquisa que foge do consenso científico em relação ao lockdown e reforça a conspiração de que Bolsonaro seria perseguido por suas ações na pandemia. Mais do que isso, recorre à dimensão espiritual e a um importante inimigo da Igreja Universal (a esquerda), na edição 1515, para defender a hidroxiquina e o tratamento precoce.

Neste sentido, é importante elucidar duas questões centrais para o entendimento da atuação iurdiana quanto aos temas analisados neste tópico: a razão neoliberal e a guerra santa travada no mundo material. A dicotomia entre vida e economia, na pandemia, parte para a justificativa de um interesse claro: a defesa dos interesses de uma elite empresarial que sofreria mais com o isolamento social e a diminuição no mercado do que a com a perda de milhares de vidas (CAPONI, 2020). A sustentação dessa lógica por parte Igreja Universal passa pelo próprio fato da instituição ser extremamente mercantilizada (MARIANO, 2014). O neoliberalismo é responsável, ainda, por mais do que a produção de “serviços e bens de consumo, ele produz também modos de ser sujeito” (CAPONI, 2020, p. 217). Nesta lógica, o sujeito, cada vez mais individualizado, torna-se responsável pela totalidade dos acontecimentos em sua vida, independente da realidade material que o cerca, de forma, inclusive, que não pede e não deve nada ao Estado (CAPONI, 2020). Durante a pandemia, o inverso também foi percebido: o Estado não devia nada à população e a Folha Universal concordou com isso.

Quanto à guerra santa, no discurso iurdiano, problemas e demônios aparecem como sinônimos. Mais do que isso, segundo Mariano (2014: 114), Edir Macedo e a Igreja Universal acreditam que todos os males, crises, adversidades, doenças, misérias e todos os problemas da vida dos homens são causados por demônios, isto é, por “espíritos destruidores”. Neste sentido, “crêem que o que se passa no ‘mundo material’ decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no ‘mundo espiritual’” e “os seres humanos, conscientes disso ou não, participam ativamente de uma ou de outra frente de batalha” (MARIANO, 2014, p. 113).

A partir do que foi apresentado neste tópico, foi possível perceber como a Folha Universal tratou a hidroxiquina e o isolamento social como objeto de disputa política, tendo os temas sido instrumentalizados em favor da criação da narrativa de que Jair Bolsonaro era vítima de uma perseguição política. Além disso, destaca-se a dicotomia entre vida e economia, que reforça fortemente a razão neoliberal adotada pelo periódico, e que ajuda a construir o apelo de que a hidroxiquina era um medicamento milagroso, acessível e capaz de “desafogar os hospitais”. Outro fator importante é a forma como o isolamento social foi considerado ineficaz. Entender os esforços iurdianos em criticar o lockdown ajuda a compreender o modo como o jornal argumentou em favor da reabertura dos templos, tema que será tratado no próximo tópico.

4. A Folha Universal e o fechamento de templos: “fechar uma igreja é como fechar um hospital”

Um tema importante a ser destacado é o fechamento dos templos. Em razão do lockdown, estabelecimentos cujo serviços não fossem essenciais tiveram suas atividades suspensas. Foi o caso de escolas, universidades, bares, lojas, entre outros. Os templos também se enquadraram neste caso, em razão do potencial dos cultos de

reunir pessoas e causar aglomerações que apresentavam o risco de aumentar o número de contágios.

A decisão, porém, não foi bem recebida por fiéis e líderes religiosos, como no caso da Igreja Universal. A instituição argumentou que, especialmente durante a pandemia, os templos serviriam de amparo emocional aos fiéis e seriam responsáveis por ações assistencialistas à comunidade. Segundo a lógica iurdiana, própria pandemia teria raiz na dimensão espiritual, ou seja, seria fruto do "mal espiritual" e dos demônios, logo, templos deveriam ser abertos pois igrejas seriam as únicas capazes de combatê-la – um problema espiritual só poder ser combatido no âmbito espiritual e religioso (BANDEIRA, CARRANZA; 2020). Além disso, a instituição sinalizou diversas vezes que a medida feria e ameaçava o preceito constitucional básico à liberdade religiosa.

Para compreender tais argumentos é necessário compreender partes constitutivas da identidade religiosa iurdiana. Mariano (2014: 58-59) esclarece que o papel e a proposta da Igreja Universal, como mediadora dos poderes divinos, está em resolver todos os problemas dos fiéis na terra, ou seja, em ser um pronto-socorro espiritual, e que por isso tem de estar sempre aberta. Ademais, como problemas e demônios são equivalentes, e os demônios responsáveis por doenças, desastres e todos os problemas (MARIANO, 2014: 114), os templos seriam o antídoto para as aflições da pandemia.

Outro elemento é a promoção do discurso de perseguição aos evangélicos e à liberdade religiosa. Desde 1985 são recorrentes as pronúncias da tentativa de censurar, inviabilizar e ferir o direito à liberdade religiosa da Igreja Universal (MARIANO, 2014). Para balizar este discurso, a IURD estabelece inimigos que teriam como objetivo “dificultar o trabalho e impedir o crescimento dos evangélicos” (MARIANO, 2014, p. 75). Os principais inimigos iurdianos, incessantemente criticados e demonizados pela igreja, são a Rede Globo (e outros componentes da mídia secular), a esquerda política (que tem como figura principal Partido dos Trabalhadores) e o comunismo.

É necessário, ainda, ressaltar a relação estabelecida entre os setores religioso e político neste momento. A posição iurdiana encontrou importante apoio nos setores liberais da política e da economia, representados especialmente pelos membros da Bancada Evangélica e os políticos com apelo religioso, que, além de defenderem a reabertura de templos, utilizaram a dimensão espiritual ao tratar da pandemia, denominando-a de “maligna”²⁶. Como demonstrado no tópico anterior, a Folha Universal foi bastante enfática e clara em seus posicionamentos acerca do isolamento social, tendo sustentado as críticas na ideia de que a economia e os comércios não deveriam ser impactados pela pandemia, tendo em vista que “uma crise econômica poderia ser igualmente ou mais prejudicial” (BANDEIRA; CARRANZA, 2020, p. 178, tradução nossa). Destaca-se ainda que, segundo Bandeira e Carranza (2020: 188), foi a partir da utilização do capital político acumulado nas últimas décadas que instituições e líderes religiosos foram capazes de pressionar autoridades e ativar os mecanismos legais para a reabertura dos templos.

Além das premissas religiosas (que estavam relacionadas à importância dos templos para os fiéis, que durante o período sentiam-se fragilizados e sentiam falta das reuniões presenciais), a liberação dos comércios e a preocupação com a economia fizeram-se presentes na imbricação entre a Universal e os liberais. O

²⁶ Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bancada-evangelica-pede-reabertura-de-templos-para-enfrentar-pandemia-maligna,70003238598?utm_source=estadao:whatsapp&utm_medium=link>. Acesso em: 02/08/2020.

interesse iurdiano na abertura dos templos tem forte relação com o fato de esta, além de deter uma posição neoliberal favorável à abertura dos comércios que privilegiou a economia em detrimento da saúde pública, se caracterizar como uma instituição altamente mercantilizada (MARIANO, 2014). Apesar de, ao longo dos anos, a IURD ter se tornado detentora de diversos empreendimentos (especialmente midiáticos), a principal fonte de arrecadação da Igreja (e o que a sustenta) são os dízimos e as ofertas dos fiéis (MARIANO, 2014, p. 64). Com o fechamento dos templos, fica evidente que a principal fonte de renda da denominação estaria comprometida.

Estes elementos foram percebidos com frequência na Folha Universal durante o período analisado. Na edição 1462, publicada entre 19 e 25 de abril de 2020, o jornal questiona se o isolamento não estaria retirando a liberdade individual das pessoas e, igualmente, notícia que na China templos estariam sendo fechados e cultos online proibidos durante a pandemia. No editorial “Nossa liberdade está em risco? (Ed. 1462, p. 03), o jornal afirma que a pandemia e o momento de isolamento social “não pode ser uma carta branca para os excessos de poder” (Ed. 1462, p. 03) e questiona se “as medidas adotadas pelos governantes ferem a Constituição de 1988?” (Ed. 1462, p. 03), uma vez que “a Carta Magna brasileira garante a todos a liberdade religiosa, de locomoção e de manifestação de pensamento” (Ed. 1462, p. 03). O jornal argumenta, então, que com as medidas sanitárias adotadas contra a Covid-19, que incluíram o isolamento social e o fechamento dos templos, não apenas a liberdade dos indivíduos estaria em risco, como também estariam tendo seus direitos básicos e essenciais, garantidos pela Constituição, violados.

Nesta mesma edição, em matéria intitulada “China destrói igrejas durante a pandemia” (Ed. 1462, p. 10), o jornal se dedica a falar sobre a existência de uma perseguição dos cristãos na China. Segundo a notícia, “o governo comunista persegue o cristianismo há tempos, mas se aproveita do surto de coronavírus para demolir templos” (Ed. 1462, p. 10). O jornal mobiliza, com certa frequência, argumentos contra o governo chinês, os acusando de se manifestarem através da “ideologia maligna” do marxismo cultural e do comunismo. Nota-se, em ambos os casos, como o jornal evoca um de seus principais inimigos, o comunismo, relacionando-o diretamente com a China e afirmando que o país seria responsável por perpetuar o isolamento social como uma medida que fere os direitos religiosos. O comunismo, neste caso, além de maligno, é identificado de forma semelhante ao diabo, ou seja, teria como objetivo dificultar e impedir os evangélicos de expressarem sua fé, fato que apenas reforça o discurso de perseguição contra cristãos.

Na edição 1465, publicada entre 10 e 16 de maio de 2020, a matéria intitulada “O altar nunca fica de quarentena” (Ed. 1465, p. 04 e 05) fala da relação dos templos com a quarentena, momento em que muitos fiéis recorriam com mais frequência a ajuda divina, e sobre a disponibilidade do altar para orações individuais. Segundo o Bispo Edir Macedo, “o altar é o lugar em que resolvemos nossos problemas, onde temos um contato direto com Deus. É um lugar de comunicação, de ligação com Ele” (Ed. 1465, p. 04). Esta afirmativa se relaciona diretamente com uma matéria publicada na edição 1466, publicada entre 17 e 23 de maio, intitulada “O que realmente tem feito falta durante a quarentena” (Ed. 1466, p. 04 e 05), em que o jornal trata sobre o anseio de fiéis em voltar aos templos e a reabertura destes.

A edição 1479, publicada entre 16 e 22 de agosto de 2020, possui uma das reportagens mais emblemáticas pois, segundo o jornal, as medidas de isolamento serviam para proibir o acesso de fiéis aos templos religiosos. Na matéria intitulada “Fechar uma igreja é como fechar um hospital” (Ed. 1479, p. 30-31) o jornal informa sobre a decisão do Governo Federal de enquadrar as igrejas no grupo de serviços essenciais, de modo que beneficiava a abertura de templos. Ainda, reforça a

importância dos templos como instrumento de cura e apela para sua abertura, afirmando que “as igrejas prestam um serviço essencial à comunidade. Por isso, fechá-las, além de ser inconstitucional, é uma medida errada, infeliz e até preconceituosa. Fechar igrejas é como destruir as fontes de água que abastecem uma cidade” (Ed. 1479, p. 30-31). Esta é uma matéria bastante importante para o período analisado, uma vez que o jornal iguala a importância de uma igreja a de um hospital, estabelecimento que se provou, mais do que nunca, de extrema importância durante a pandemia. Além disso, reforça a ideia iurdiana central de que, além de mediadora do terreno com o divino, os cultos e as reuniões seriam o “pronto-socorro espiritual” dos fiéis.

A última edição de 2020 é a de número 1.497, publicada entre 20 e 26 de dezembro, e nela o jornal relaciona a abertura dos templos com uma melhor saúde – numa clara defesa da necessidade de abertura de templos. No editorial “Portas abertas, saúde em dia” (Ed. 1497, p. 03) o jornal argumenta sobre a reabertura de templos ser benéfica para a sociedade e causar impacto positivo à sua saúde mental e física de quem os frequenta. O jornal ainda afirma que o único grupo que teve melhora na saúde mental em 2020, segundo o Instituto Gallup, foi grupo de fiéis que frequentam igrejas toda semana. Segundo o jornal, “estamos falando aqui de um estudo, um resultado prático e positivo, realizado por um dos maiores e mais conceituados institutos de pesquisa do planeta” (Ed. 1497, p. 03).

Foi comum a utilização de pesquisadores ou instituições de pesquisa reconhecidas por parte dos evangélicos na tentativa de justificar a importância dos templos no bem-estar dos fiéis (BANDEIRA, CARRANZA, 2020). Porém, o Instituto Gallup citado no editorial não se trata de uma instituição de pesquisa científica, mas sim uma empresa de consultoria especializada em realizar pesquisas de opinião, a fim de solucionar problemas na relação de empresas com seus clientes²⁷.

Na edição 1511, de 28 de março a 3 de abril de 2021, possui uma matéria intitulada “Pronto-socorro espiritual” (p. 16-19), em que o periódico se propõe a explicar “por que a Igreja é uma atividade essencial e a importância dela estar sempre com as portas abertas” (Ed. 1511, p. 16). A igreja argumenta que, “segundo um recente estudo, pessoas que praticaram a fé indo à igreja em 2020 se mantiveram saudáveis” (Ed. 1511, p. 16). Embora afirme se tratar de um estudo estadunidense, nenhuma outra informação é dada a respeito sobre quem ou qual instituição realizou tal pesquisa, evidenciando as características de um discurso falacioso. Na dimensão espiritual, afirma ainda que “a fé é um elemento essencial para lidar com o momento difícil que estamos enfrentando” (Ed. 1511, p. 16), e a igreja, no papel de mediadora com o plano divino e a solução dos problemas terrenos, deveria permanecer e ser considerada um serviço essencial no combate à crise sanitária.

A edição 1539, publicada entre 10 e 16 de outubro de 2021, o editorial afirma ser “abuso de poder” (Ed. 1539, p. 03) um decreto do ex-governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), em que em “todos os municípios pernambucanos só poderão ocorrer reuniões, cultos e missas em templos religiosos com mais de 300 pessoas se os participantes tiverem o comprovante da vacina contra Covid-19 completo ou o exame negativo do teste para o novo coronavírus” (Ed. 1539, p. 03). O jornal declara que tal medida é “contrária à Constituição Federal brasileira” (Ed. 1539, p. 03) e “demonstra uma afronta ao direito de ir e vir e uma violência à liberdade religiosa” (Ed. 1539, p. 03).

²⁷ Disponível em: <<https://www.gallup.com/corporate/212381/who-we-are.aspx>>. Acesso em: 28/02/2023.

Para além do jornal impresso, a mídia iurdiana replicou a frase “o altar nunca fica de quarentena” em outros veículos, sendo possível destacar, principalmente, os programas da Record TV (BANDEIRA, CARRANZA, 2020; GABATZ, ZEFERINO, DE CARVALHO VERAS, 2021) na divulgação de que as portas dos templos estariam abertas àqueles que quisessem orar. Porém, ao fazer isto, a instituição desrespeitou as medidas definidas por muitos governadores e prefeitos que pediam o fechamento dos estabelecimentos não-essenciais. Em meio a esta utilização midiática, a Igreja Universal promoveu o Jejum de Daniel, cujo objetivo é incentivar os fiéis a permanecerem 21 dias sem consumir informações das mídias seculares, redes sociais, entre outros. Ao contrário dos jejuns comuns, a proposta é que os fiéis se mantivessem afastados de “informações desnecessárias”²⁸. O jornal fez essa sugestão em março de 2020²⁹, na edição 1495, em dezembro de 2020, bem como em março de 2021³⁰.

Com base no que foi apresentado neste tópico, percebe-se como o fechamento de templos se relacionou fortemente com as críticas ao lockdown e ao fechamento de comércios, prevalecendo a argumentação econômica. Ademais, ficou evidenciado como as características constitutivas da identidade iurdiana – isto é, o discurso de que a liberdade religiosa estaria constantemente ameaçada e que a igreja, como mediadora do mundo espiritual na terra, é responsável por lidar com os problemas materiais causados por “demônios” – foram frequentemente evocadas a fim de validar os posicionamentos a partir da dimensão espiritual. As afirmações de que “fechar uma igreja é como fechar um hospital” demonstram como os argumentos foram empregados e estavam com uma forte carga simbólica. Outros dois fatores importantes são a forma como o noticiário se relacionou com o Governo Federal, a Bancada Evangélica e os setores neoliberais da política, e a forma que se deu a disputa pela verdade com as mídias seculares, tendo em vista a proposta do Jejum de Daniel.

5. Conclusão

A pandemia de Covid-19 foi um dos momentos mais marcantes da história recente, tendo sido um período muito difícil. As perdas humanas, financeiras e de sociabilidades foram enormes. O debate atravessou as temáticas de saúde pública, social, político, econômico, etc. A pandemia tornou-se notícia nos mais diversos veículos midiáticos e gerou discussões importantes e controversas.

As instituições religiosas participaram do debate, tendo em vista sua importância econômica, política e social. Nas edições analisadas do jornal da Igreja Universal do Reino de Deus, foi possível perceber a maneira enfática que se deu a defesa de Jair Bolsonaro, da utilização da hidroxiquina e o apelo para a reabertura dos templos. As informações trazidas pelo veículo estiveram sempre em consonância com o discurso do então presidente.

A dimensão espiritual esteve presente nos argumentos de que a pandemia era maligna e a hidroxiquina milagrosa. O discurso negacionista tornou-se parte da identidade iurdiana na disputa pelo poder político contra a esquerda e a mídia secular, tendo em vista que o Jejum de Daniel era uma representação religiosa de se afastar

²⁸ Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/jejum-de-daniel-ate-que-a-pandemia-cesse/>>. Acesso em: 12/03/2023.

²⁹ Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/jejum-de-daniel-ate-que-a-pandemia-cesse/>>. Acesso em: 12/03/2023.

³⁰ Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/jejum-de-daniel-comeca-no-proximo-domingo-dia-21-de-marco/>>. Acesso em: 12/03/2023.

da mídia. A disputa, sobretudo, foi sobre a verdade e a construção de uma nação cristã.

Na “campanha” pelo uso da hidroxiquina, criou-se um forte apelo pelo uso do medicamento de modo que a economia não fosse afetada, sem efetiva comprovação. Para a Universal, os males são causados por demônios, o que inclui a pandemia, e por isso a forte ideia de que os problemas deveriam ser tratados na dimensão espiritual com mediação da igreja e dos “escolhidos por Deus”.

A defesa de Jair Bolsonaro é direcionada pela ideia de que ele, um líder escolhido por Deus, seria responsável, junto à igreja, por guiar o Brasil a um futuro melhor. Nas críticas ao isolamento social, a preocupação com as vidas perdidas e o sofrimento dos infectados foram substituídas pela economia.

Acerca da necessidade de reabertura dos templos, a perseguição dos cristãos foi o argumento central, pois consideraram que seus direitos constitucionais à liberdade religiosa estariam sendo feridos. Entretanto, neste caso a vida dos fiéis poderia ficar em risco, uma vez que alinhado à abertura dos templos, esteve a abertura dos comércios e a volta da vida “normal”. O que importava, realmente, era a abertura dos templos, porque, com o fechamento e sem a arrecadação de dízimos e doações, o que sustentaria o império da Igreja Universal?

Neste sentido, percebeu-se a importância cada vez maior da mídia iurdiana para os debates políticos. No período analisado, foram mobilizados discursos religiosos em consonância com posicionamentos políticos. As informações e orientações dadas aos fiéis não apenas seguiam preceitos morais religiosos, mas também estavam em concordância com políticas públicas do Governo Federal, liderado pelo presidente Jair Bolsonaro.

Referências

- BALIEIRO, F. de F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. *Cadernos Pagu*, [S. l.], n. 53, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653414>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- BANDEIRA, Olívia. CARRANZA, Brenda. Reactions to the Pandemic in Latin America and Brazil: Are Religions Essential Services? In: *International Journal of Latin American Religions*, v. 4, n. 2, p. 170–193, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s41603-020-00116-0>>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- brasileira. *Cadernos Pagu*, 2021, n. 62. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449202100620016>>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. *Trabalho, Educação e Saúde* [online]. 2020, v. 18, n. 3 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00279>>. Acesso em: 17/07/2022.
- CAPONI, S. Biopolítica, necropolítica e racismo na gestão do covid-19. *Porto das Letras*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 22–43, 2021a. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11619>. Acesso em: 3 fev. 2023.
- CAPONI, Sandra et al. O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo. *Revista brasileira de sociologia*, v. 9, n. 21, p. 78-102, 2021b.
- CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados* [online]. 2020, v. 34, n. 99, pp. 209-224. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.013>>. Acesso em: 17/07/2022.

-
- CARRANZA, Brenda. *Evangélicos: o novo ator político. Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, p. 171-192, 2020.
- CARRANZA, Brenda. *Linguagem midiática e religião. Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, v. 1, p. 539-555, 2013.
- CONRADO, Flávio César dos Santos. *Cidadãos do reino de Deus. Representações, práticas e estratégias eleitorais: um estudo da Folha Universal nas eleições de 1998*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, PPGSA/UFRJ, 2000.
- FRANCO, T. A Eleição entre o bem e o mal: uma análise comparada dos discursos da Igreja Universal do Reino de Deus e de Jair Bolsonaro sobre a moralidade pública nas eleições de 2018. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 19, n. 1, 2022. DOI: 10.34019/2237-6151.2022.v19.37777. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/37777>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson; DE CARVALHO VERAS, Rogério. *Liberdade Religiosa, Fundamentalismos e Controvérsias acerca da Abertura de Templos em meio a Pandemia do Covid-19 no Brasil*. *Estudos de Religião*, v. 35, n. 3, p. 153-187, 2021.
- GONÇALVES, Rafael Bruno. *Discurso laico e discurso religioso em tempos de coronavírus: a pandemia vista nos jornais Mensageiro da Paz, Jornal Show da Fé e Folha Universal*. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, v. 23, p. e021001-e021001, 2021.
- GUERREIRO, Clayton. ALMEIDA, Ronaldo de. *Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19*. *Religião & Sociedade*. 2021, v. 41, n. 02, pp. 49-74. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap02>>. Acesso em: 25 maio 2022.
- MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu. *Apoio evangélico a Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita*. In: *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Organização de José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2017.
- MARTINS-FILHO, Paulo Ricardo et al. *Efficacy and safety of hydroxychloroquine as pre-and post-exposure prophylaxis and treatment of COVID-19: A systematic review and meta-analysis of blinded, placebo-controlled, randomized clinical trials*. *The Lancet Regional Health-Americas*, v. 2, p. 100062, 2021.
- MIGUEL, Luis Felipe. *O mito da "ideologia de gênero" no discurso da extrema direita*
- MOUFFE, Chantal. *Sobre o Político*. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- NOVAES, Regina Reys. *Crenças religiosas e concepções políticas: fronteiras e passagens*. In:
- OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. MARTINS, Caio César Nogueira. *O discurso eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus e a ascensão de Bolsonaro*. *Plural*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 237-258, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/176735>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- RIBEIRO, Matheus. (2021), "Brasil, 200 mil mortes por Covid: 200 frases de Bolsonaro minimizando a pandemia". *Yahoo*. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/200-frases-de-bolsonarominimizando-a-pandemia-do-coronavirus-203647435.html>. Acesso em: 01/08/21.